



A apresentação de histórias fantásticas com a utilização do radiojornalismo¹

Sandra Sueli Garcia de Sousa

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP - Doutoranda

RESUMO

Este trabalho apresenta o quadro “Caixão de Notícias” veiculado em um programa de entretenimento da Rádio Cultura FM do Pará (Visagem). O quadro em questão parte da narrativa de histórias fantásticas e sobrenaturais contadas por quem viveu o fato. Os relatos são contados em forma de reportagem, com amplo recurso sonoro que o meio rádio comporta: a fala, a música, os efeitos e ruídos contribuindo para ativar a imaginação do ouvinte. O “Caixão de Notícias” além de enriquecer sonoramente esses relatos também ajuda a manter viva a cultura regional, por veicular histórias sempre presentes no imaginário amazônico.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias fantásticas; Radiojornalismo; Cultura Regional; Imaginário.

TEXTO DO TRABALHO

“A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido”. O famoso escritor de histórias de terror H. P. Lovecraft (1987, p. 13) começa assim seu livro “O horror sobrenatural em literatura”. Contos de terror sempre chamaram atenção e costumam fazer sucesso na mídia como um todo.

A divulgação desse tipo de história pelo rádio também é marcada por uma boa audiência, principalmente quando trabalha com histórias reais. Não foi à toa que o programa “Incrível! Fantástico! Extraordinário!” permaneceu onze anos no ar, entre 1947 e 1958, na Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

Nas emissoras AM, a leitura dramatizada de cartas até hoje faz sucesso em muitos programas. São verdadeiros dramas humanos narrados por apresentadores de vozes

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

contundentes aliados à rica sonoplastia. Mônica Rebecca Nunes (1999, p. 108) defende que esses programas acabam por renovar símbolos arcaicos de purificação:

É lícito supor que tais narrativas, audiodramatizadas por Eli Correa, Paulinho Boa Pessoa, Gil Gomes, Afanázio Jazadji ou qualquer outro radialista, interpretando um crime, uma saudade ou mesmo manipulando o discurso pentecostal (...) contêm em suas estruturas arquétipos arcaicos, presentes no imaginário da cultura.

Os arquétipos revificados dos quais fala a autora vão da busca por um tempo primordial, passando por discursos sacrificiais com vistas à purificação - caso de programas humorísticos, policiais e religiosos, pois “o sacrifício purifica a sociedade, livrando-a de sua própria violência” (NUNES, 1999, p. 87). Nesse contexto, acompanhar determinados programas radiofônicos é viver novamente ritos ancestrais incrustados no imaginário. Mas, e quando esses ritos envolvem histórias de terror?

Parem o carrinho, abram a tampa: está no ar “Caixão de Notícias”²

Alicerçada por uma programação que prima pela valorização da cultura regional, a Cultura FM do Pará veicula desde 2003 um programa chamado Visagem³ - um híbrido que trabalha com humor, terror, literatura poética, música e experimentalismo. Neste programa, um quadro chama a atenção, o “Caixão de Notícias”. Utilizando técnicas do radiojornalismo, o quadro foi criado com o objetivo de divulgar informações do mundo da ciência:

O Caixão surgiu como um espaço para notícias científicas curiosas normalmente ligadas a experiências sonoras, mundos microscópicos, estados alterados da consciência, sociologia e psicologia animal, fenômenos espetaculares do universo cósmico (...). As notícias não poderiam ser tiradas de jornais, sites ou revistas sensacionalistas, tendenciosas, especializadas em matérias curiosas. As notícias deveriam vir de jornais como O Globo, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, revistas como Galileu, National Geographic. Publicações feitas por gente que checa a verdade. Paralelo a estas notícias, o “Caixão de Notícias” tem entrevistas que invariavelmente tratam de assuntos inexplicáveis: relatos de experiência com lendas urbanas e do interior e também com fantasmas, ET's, etc⁴.

² Texto da vinheta de abertura do “Caixão de Notícias”

³ A análise deste programa, bem como a vertente experimental da Rádio Cultura, compõem a pesquisa de minha tese doutorado, em desenvolvimento. Cf: Visagem – um programa poético-musical assombrando as noites paraenses – anais Intercom 2008, disponível em www.intercom.org.br.

⁴ Guaracy Brito Jr., criador do programa, em entrevista a autora por e-mail, em junho de 2009.

Aos poucos, o “Caixão de Notícias” foi modificado dentro do programa: com vinheta, apresentador próprio⁵ e uma reportagem, o quadro assumiu um viés mais sério com reportagens produzidas. Nesta nova roupagem, tornou-se o lado jornalístico do Visagem. O uso do jornalismo em programas de entretenimento não é nenhuma novidade. A “Guerra dos Mundos”, de Orson Wells, utilizou técnicas do jornalismo na adaptação do livro homônimo de H. G. Wells, provocando um caos coletivo na Nova Iorque dos anos 30.

No especial do *Radioteatro Mercury* da véspera do Dia das Bruxas de 1938 – denominado *Mercury's Halloween Show* -, através dos sons, foi representada uma invasão de marcianos do ponto de vista de uma cobertura jornalística. Todas as características do radiojornalismo usadas na época – às quais os ouvintes estavam habituados e nas quais acreditavam – se faziam presentes: reportagens externas, entrevistas com testemunhas que estariam vivenciando o acontecimento, opiniões de especialistas e autoridades, efeitos sonoros, sons ambientes, gritos, a emotividade dos envolvidos, inclusive dos pretensos repórteres e comentaristas, davam a impressão de um fato real, que estava indo ao ar em edição extraordinária, interrompendo outro programa, o radioteatro previsto (ORTRIWANO, 1998, p.134).

No Brasil, conforme citado acima, o programa “Incrível! Fantástico! Extraordinário!” fez sucesso entre 1947 e 1958. Apresentado por Henrique Foréis Domingues, o Almirante, o programa mexia com a imaginação dos ouvintes ao se depararem com histórias fantásticas.

Em “Incrível! Fantástico! Extraordinário!”, Almirante se propôs a relatar todo o tipo de experiências inexplicáveis ocorridas com pessoas das mais diversas partes do país. Para isso, formou uma equipe que procurava verificar os fatos relatados, cartas checadas, nomes completos exigidos e testemunhas solicitadas. Radiofonizadas com perfeição, o programa apresentado na Rádio Tupi do Rio de Janeiro (quintas-feiras, 21h30), com um trabalho fantástico de radioteatro e sonoplastia, tudo ao vivo, sem qualquer recurso especial, eletrizavam (e assustavam) milhões de famílias que, por todo o país, ouviam as suas radiofonizações⁶.

Para Sérgio Cabral (1990, p. 246), Almirante foi um radialista que mobilizava seu público como nenhum outro:

Ele [Almirante] nunca deixou de pedir aos ouvintes que colaborassem, enviando o material necessário para a feitura dos seus programas. No caso do “Incrível!”,

⁵ O veterano radialista paraense, Luis Andrade. Segundo Guaracy, Andrade foi convidado a participar do programa porque de todos os locutores era o que mais combinava com o Visagem. “A locução dele é das antigas, é dessas vozes que você ouvia no tempo da Onda Tropical e em barcos, casebres, biroscas no meio do mato, longe de tudo, à luz de candeeiro”, explica o criador do Visagem.

⁶ Aramis Millarch disponível em <http://www.millarch.org/artigo/causos-assustadores-que-almirante-contava>

manteve a preocupação de que os casos enviados tivessem todas as garantias de veracidade, nunca deixando de mencionar os nomes verdadeiros, endereços, etc. Até porque ele mandava pagar aos colaboradores que, para receberem, tinham que apresentar os seus documentos de identidade. Assegurado que o informante existia, entrava o criador com todos os recursos radiofônicos: a orquestra com músicas apropriadas para sublinhar o ar de mistério, os Radioatores reforçando tudo com vozes estereotipadas e até os locutores, a partir da entrada do programa no ar, ao emitirem as palavras “incrível”, “fantástico” e “extraordinário”, pareciam fantasmas falando.

A diferença entre o quadro “Caixão de Notícias”, o programa “Incrível, Fantástico, Extraordinário” e “A Guerra dos Mundos” é que este último utilizou elementos do jornalismo para fazer ficção e os dois primeiros recorrem a casos vivenciados por ouvintes para construir a narrativa. Ainda: o “Caixão de Notícias” se diferencia do “Incrível! Fantástico! Extraordinário!” por utilizar o formato jornalístico para contar as histórias de pessoas comuns, que narram elas mesmas o fato, sempre intermediadas pelo repórter. No programa de Almirante não havia a fala do ouvinte, privilegiava-se a história em si.

Voltando ao quadro do programa Visagem, a estrutura do “Caixão de Notícias” é comum a da maioria dos programas noticiosos: vinheta seguida da fala do apresentador cumprimentando os ouvintes; na seqüência o apresentador lê as notas e, ao final, entra a reportagem. Mas como no Visagem nada é fixo - uma das características do programa é sua não-linearidade - o “Caixão” também segue essa tendência: em alguns quadros há notas e em outros, apenas a reportagem. A duração também é variável, de cinco a nove minutos e dependendo do assunto pode tomar o programa todo, como em ET⁷, conforme explica Guaracy:

O quadro (ainda sem ser um quadro propriamente dito) foi aparecendo no programa à medida que eu ia conseguindo as notícias na Internet. Então ficava tudo meio solto: uma hora era uma notinha, outra hora era um programa inteiro amarrado por uma matéria só, como a do bicho peludo de Colares. *O importante nessas entrevistas é que o entrevistado tinha obrigatoriamente que ser a pessoa que viveu a experiência. Não existe no programa a frase “ouvi dizer”. Existe, sim, as frases “eu vi”; “eu fiquei; corri do fantasma”; “eu conheci uma Matinta Perera” (grifo nosso)*⁸.

⁷ Nesta edição, o próprio “Caixão de Notícias” é a abertura do programa e acaba por ocupar toda a transmissão, entremeada por músicas e as falas isoladas dos entrevistados da reportagem. O assunto é um pescador atacado por um animal desconhecido na cidade de Colares, município do nordeste paraense, a 62 quilômetros de Belém, conhecido pelas histórias de contatos dos moradores com seres extraterrenos na década de 70.

⁸ Guaracy Brito Jr. em entrevista a autora por e-mail, em junho de 2009.

É interessante notar que o quadro trabalha com dois pólos: o mundo da Ciência e o mundo do fantástico. Numa ponta, o ouvinte é apresentado às estranhas descobertas e invenções científicas do mundo real e na outra, é levado a acompanhar histórias de pessoas que contam ter tido contato com seres de outro mundo. Razão e emoção a caminhar juntas e a povoar a imaginação dos ouvintes.

Ao discorrer sobre o gênero fantástico na literatura, Tzvetan Todorov (2004, pp. 165-166) ajuda a compreender melhor a noção do que é o fantástico:

O fantástico se fundamenta essencialmente numa hesitação do leitor – um leitor que se identifica com a personagem principal – quanto à natureza de um acontecimento estranho. Esta hesitação pode se resolver seja porque se admite que o acontecimento pertence à realidade; seja porque se decide que é fruto da imaginação ou resultado de uma ilusão; em outros termos, pode-se decidir se o acontecimento é ou não é.

Pensemos no leitor do qual fala Todorov como o ouvinte das histórias do quadro “Caixão de Notícias”. Esse ouvinte está livre para decidir se acompanha um caso real ou um caso fruto da imaginação de quem o contou. Lembremos que a escolha do jornalismo para apresentar os casos míticos e sobrenaturais da região contribui para reforçar o grau de credibilidade à história, além de valorizar a personagem que viveu aquele acontecimento.

As reportagens são feitas de forma voluntária por jornalistas da emissora, ouvintes do programa, e seguem os assuntos que permeiam o imaginário paraense: lendas amazônicas; pessoas que afirmam terem tido contato com seres extraterrenos ou com quem já morreu. Em algumas reportagens basta a fala do entrevistado que narra o que foi presenciado, em outras há um especialista que interpreta o assunto. No entanto, em nenhum momento, o que é dito pelo entrevistado é questionado. Guaracy explica⁹:

Quem conduzia a reportagem era a repórter, eu só dizia para ela tratar o assunto com respeito e bastante interesse, indo atrás do máximo de informação correta possível, tipo: “como era a aparência da Matinta Perera quando ela era jovem; fazia calor na casa que tinha o fantasma? como era o timbre de voz de um Exu?”

O formato utilizado para veicular os casos é o da reportagem. Para fins conceituais, entendemos reportagem segundo o que diz Emílio Prado (1989, pp. 85-90): “Toda

⁹ Idem.

reportagem é, em definitivo, uma agrupação de representações fragmentadas da realidade que em conjunto dão uma idéia global de um tema”.

O autor estabelece duas formas de reportagem radiofônica: a simultânea e a diferida. A simultânea é feita ao vivo e evolui à medida que a ação se desenvolve. O ouvinte tem a sensação de participar do evento em foco, principalmente, por conta da habilidade do repórter em narrar o acontecimento e pelas imagens sugeridas pelo ambiente acústico. A reportagem diferida, por sua vez, permite a montagem, por isso é a que melhor se adequou ao quadro “Caixão de Notícias”. Na reportagem diferida é possível selecionar os melhores trechos das entrevistas e colocá-los numa ordenação lógica ao ouvinte.

Na seleção deve procurar incluir ao máximo o som ambiente, que favorece a compreensibilidade, provoca a intervenção da imaginação do ouvinte e, sobretudo, dá credibilidade à informação. Por outro lado, estes elementos dão dinamismo e ritmo à reportagem (PRADO, 1989, p. 89).

No jargão jornalístico, os entrevistados são as fontes da notícia. LAGE (2001, pp. 66-68), classifica os tipos existentes. Entre outras, temos as testemunhas e os *experts*:

O testemunho é normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva (...) De modo geral, o testemunho mais confiável é o mais imediato. Ele se apóia na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa; para guardar fatos na memória de longo prazo, a mente os reescreve como narrativa ou exposição, ganhando em consistência o que perde em exatidão factual. (...) *Experts* são geralmente fontes secundárias, que se procuram em busca de versões ou interpretações de eventos.

A maioria dos casos contados pelo “Caixão de Notícias” busca na memória de longo prazo os fatos relatados. Mas isso não é um entrave, pois estamos falando de um programa de entretenimento, que se vale do jornalismo para apresentar as estranhas histórias dos ouvintes. Na verdade, o fato dos relatos serem contados como narrativa dão um colorido às histórias. Perdem sim em exatidão, conforme explica Lage, mas ganham em efeito dramático, que é o que importa para manter a dinâmica do programa Visagem.

Algumas edições do “Caixão de Notícias”		
Programas	Notas	Reportagens
Canibal	Sistema que controla temperatura durante o sono; expedição ao Estreito de Gibraltar, onde supostamente estaria a mítica Atlântida	Radialista foge de um estranho animal (sonorizada com efeitos - passos, animais, latidos de cachorros)
Cidade de Giz e Cidade Medo*	Registros de escrita mais antigos do mundo; ruídos que interferem na fala.	Morte anunciada durante viagem de ônibus (sonorizada com música e efeito – partida de ônibus)
Clássicos dos anos 70	Cientistas comprovam os efeitos de infra-sons nas pessoas.	Desenhista vai a Ilha do Marajó no final da década de 70 e se depara com um cemitério indígena (sonorizada com música e efeitos – partida de ônibus, relinchar de cavalo e trote)
ET	O “Caixão de Notícias” abre o programa com a vinheta. Não há notas. O tema da reportagem passa a ser o tema do programa: um pescador é atacado por um estranho animal em Colares. A reportagem é sonorizada com música e há presença de especialistas comentando o assunto.	
Espelho de Igarapé	Motoristas gordos têm mais chances de morrer em acidentes automobilísticos do que os magros.	Costureira vê fantasmas (sonorizada música e efeito - som de máquina de costura).
Finados na Cozinha	Híbridos de animais e robôs; Cientistas russos descobrem pata que pode ser do abominável homem das neves.	Corretora viveu em casa mal assombrada (sonorizada com música e efeitos – som de festa, vidro quebrado, louças batendo).
Lar pano de chão	Cientistas descobrem vestígios do órgão genital mais antigo do mundo, o de um inseto; astrônomos detectam ondas sonoras de um buraco negro.	Jornalista tem contato visual com extraterrestres (sonorizada com música).
Pensamento de corvos	Nepotismo entre as formigas; cruzamento entre galo de rinha e frango caipira.	Produtor musical e amigo passam a noite em casa mal-assombrada no interior do Pará (sonorizada com música).
Ovo	Comparação entre DNA dos humanos e 12 animais; nota repetida motoristas gordos.	Entrevista com pai de santo sobre Exu (sonorizada com música).
Limboate e Matinta Perera*	Pesquisador afirma que Arca de Noé foi construída com a ajuda de Et’s.	Mulher tem como amiga a Matinta Perera (sonorizada com música e efeito – assobio).

Fonte: edições do programa Visagem disponibilizadas por Guaracy Brito Jr.

* quadro se repete nestes programas.

A sonorização do quadro e da reportagem

O programa Visagem foi criado por Guaracy Brito Jr. e é ele quem se encarrega da redação de textos, apresentação e edição do mesmo. Em alguns momentos, porém, há a participação voluntária de produtores, como é o caso do produtor musical Ricardo Moebius, e repórteres. O “Caixão de Notícias” também conta com trabalho de produção, mas após a apuração e gravação da entrevista, é o próprio Guaracy quem faz a sonorização e edição das reportagens e a forma como vão ser utilizadas no programa.

Existe uma única trilha para as matérias e uma pré-seleção de músicas para as notas. Tudo é escolhido e montado por mim. A repórter traz a matéria prontinha, mas sem o BG. Eu coloco o BG que é uma música de um cara chamado Hans-Joachim Roedelius¹⁰.

Os efeitos seguem o ritmo da narrativa, procurando ambientar o ouvinte sobre o local onde se passa o acontecimento. Uma costureira diz ver pessoas mortas. Antes de começar sua história, ouvimos o som de uma máquina de costura. Outra entrevistada conta a respeito de uma trágica viagem de ônibus. Para compor o quadro, ouvimos o som do motor do veículo. Um outro, fala ter visto um cavalo fantasma, acompanhamos com o trote do animal e assim por diante.

Segundo Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva¹¹, a utilização de ruídos no rádio ajuda o ouvinte a melhor perceber o que está sendo representado:

O ruído fornece informações, pistas, atua como índice do objeto representado a fim de que o ouvinte reconheça e estabeleça associações, que pelo caráter referencial assumido pelo ruído dá-se por contigüidade. O índice por manter uma relação factual, efetiva com o seu objeto chama a atenção de seu intérprete exercendo sobre ele uma influência compulsiva, fornecendo-lhe direções e instruções (...) Ao empregar ruídos que componham o ambiente, a paisagem, o cenário acústico, o produtor tem como meta utilizá-los de tal forma que possibilite ao ouvinte identificar objetos e imaginá- los associados.

Esch e Del Bianco (1998, p. 73) destacam além da função descritiva, a função narrativa dos ruídos:

¹⁰ Idem.

¹¹ Radiojornalismo e suas múltiplas fontes sonoras. Trabalho apresentado no NP 06 – Rádio e Mídias Sonoras do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.

Independente do papel que desempenham, quando associados à palavra fazem surgir uma imagem do acontecimento real construída na mente através da ilusão que o rádio produz em nós. Ilusão que se estabelece pelo paradoxo: o rádio materializa situações reais, referenciadas pelo cotidiano, a partir da imitação e personificação. A representação do real pelos ruídos e efeitos se faz com tamanha força imaginativa que materializa uma ação que não se vê, percebida que é somente pelos ouvidos.

Como a reportagem do “Caixão de Notícias” entra no terreno do fantástico, a utilização de ruídos, seja para descrever o ambiente ou para ajudar na força da narrativa, leva o ouvinte a acompanhar com atenção o terror contado por determinada personagem. Ao adentrar nesta seara, o quadro também ajuda a manter viva a cultura local, uma cultura muito rica em lendas e mitos e que raramente é explorada pela mídia, mesmo a da região. Não esqueçamos, aliás, que uma das forças do rádio é sua fala local: quanto mais falar à região em que está inserido, quanto mais houver a presença dos sotaques locais, mais popular o veículo se torna.

PAES LOUREIRO (1995, pp. 55-64) fala da cultura amazônica referindo-se aos mitos e ao universo mestiço da região para explicar a função estética que nasce desses elementos:

Há, no mundo amazônico, a produção de uma verdadeira teogonia cotidiana. Revelando uma afetividade cósmica, o homem promove a conversão estetizante da realidade em signos, através dos labores do dia-a-dia, do diálogo com as marés, do companheirismo com as estrelas, da solidariedade dos ventos que impulsionam as velas, da paciente amizade dos rios. É como se aquele mundo fosse uma só cosmogonia, uma imensa e verde cosmo-alegoria. Um mundo único real-imaginário. Foi-se constituindo nele uma poética do imaginário, cujo alcance intervém na complexidade das relações sociais.

Advém daí a profusão de narrativas de pessoas comuns que se deparam com casos muitas vezes inexplicáveis. São pessoas em contato com os mortos, em contato com seres de outro planeta, em contato com figuras de lendas da região amazônica - o boto, a Matinta Perera, a Cobra Grande etc.

Acompanhemos agora uma das reportagens, a de uma corretora que viveu em uma casa mal-assombrada. Na primeira parte, a repórter apresenta sua personagem e indica onde se deu o caso que vai ser contado. A repórter, como se verá, surge poucas vezes. A força da história vem da boca da própria personagem que viveu o sobrenatural. Conforme o relato é

desenvolvido, aumenta a tensão da narrativa, principalmente, pelos elementos utilizados: a voz da personagem e os efeitos sonoros. No desfecho, a dúvida é instalada: o que ocorreu foi por conta de uma casa mal-assombrada ou os acontecimentos eram dirigidos à corretora? Aqui, instala-se a hesitação, elemento que compõe a definição sobre o fantástico enquanto gênero literário (TODOROV, 2004, p. 31).

TÉC.: SOM DE VIOLINOS, VAI A BG

LOC.: E vamos agora a mais uma reportagem de outro mundo. Pra você.

REP.: Quem nunca ouviu falar sobre casas mal-assombradas? Passos, ruídos, risos e até maus presságios. A corretora Sônia Maria de Souza viveu momentos tenebrosos aos morar em uma casa na avenida Governador José Malcher próximo a José Bonifácio há 25 anos. Ela, o marido e os três filhos haviam se mudado há pouco tempo e durante uma faxina, Sônia começou a notar algo estranho na casa.

TÉC.: SONORA/SÔNIA

TÉC.: RODA EFEITO SONORO – RUÍDOS

Eu percebi no último quarto umas pontas queimadas, parecia de vela e observando bem eu vi que era uma estrela de Salomão em que cada cruzamento da linha tinha um ponto de queimadura, queimado. Achei esquisito, fui até a vizinha, perguntei pra ela, tava achando aquilo curioso e tal, perguntei pra ela se ela sabia de alguma coisa, aí ela me informou que lá nesse quarto, a outra vizinha que morou anterior a mim, tinha uma jibóia nesse quarto. Então ela criava uma jibóia nesse quarto e que uma vez por mês ela fazia uma festa nesse quarto...

TÉC.: RODA EFEITO SONORO – SOM DE FESTA

...onde as pessoas comiam bebiam e acendiam aquelas velas no chão.

REP.: Depois desse dia, Sônia resolveu tirar o filho do quarto, mas ela não resistiu à curiosidade e numa noite....

Eu resolvi ir pro quarto, fechar a porta, apagar a luz, armei uma rede, me deitei e fiquei esperando pra ver se eu via alguma coisa porque ela me dizia que aquele quarto era mal assombrado.

TÉC.: RODA EFEITO SONORO – SOM DE FESTA

E aí de repente eu comecei a ouvir barulho de louça batendo, de copo, aquelas vozes, sabe? Vozes de homem, de mulher, parecia mesmo uma festa, fiquei apavorada, me enrolei toda na rede, fiquei esperando, aquilo passou tudo, eu sai e comecei a planejar a minha mudança.

REP.: Enquanto a corretora planejava a própria mudança as assombrações se tornavam mais frequentes.

TÉC.: SONORA/SÔNIA

Dias depois, eu tinha um espelho de cristal na sala e todos os dias antes de sair eu me penteava nele, abria a porta da sala me penteava pra sair. Pelo espelho eu vi a imagem de um homem sentado no meu sofá, magro, osso e pele todo de branco, de perna cruzada, olhando pra mim pelo espelho, quando eu virei a cabeça, não tinha ninguém. Eu fiquei apavorada. Nessa mesma noite, de madrugada...

TÉC.: RODA EFEITO SONORO – SOM DE VIDRO QUEBRANDO

...Nós acordamos com um barulho terrível, estrondoso e aí descemos todos e o espelho estava no chão. O espelho caiu e estilhaçou que o vidro virou pó. O gancho, aquele gancho antigo, na parede e a moldura com o arame intacto. Como aquele espelho caiu até hoje ninguém entende.

TÉC.: RODA EFEITO SONORO – SOM DE VIDRO QUEBRANDO E VIOLINOS VAI A BG

REP.: Mas algo pior ainda estava por vir.

No final dessa mesma semana, nós viajamos para o Mosqueiro e começou a tragédia. Nesse mesmo final de semana eu perdi meu filho atropelado no Mosqueiro, logo em seguida perdi a minha avó, em seguida meu pai, depois um tio, depois outro tio, depois uma outra tia e foi sucessivamente durante o ano inteiro só morte na família.

REP.: Depois da tragédia com o filho de oito anos, Sônia e a família não retornaram mais para a casa mal-assombrada e até hoje permanece uma dúvida.

Agora eu me pergunto: seria a casa mal-assombrada ou aquilo teria vindo pra mim aonde eu estivesse.

REP.: Mesmo tendo deixado a casa, as aparições daquele ancião ainda persistiram por um certo tempo.

Na nova casa, no caso apartamento, que eu me mudei para apto, eu cheguei a ver esse mesmo homem umas três ou quatro vezes em cima do meu guarda-roupa. Aí por isso que eu te falo, talvez não fosse a casa mal-assombrada talvez o problema fosse comigo né? Diretamente comigo. E depois dessas visões sempre acontecia alguma desgraça, sempre morria alguém, um conhecido, um amigo, sempre acontecia alguma coisa.

REP.: Érica Martins para o “Caixão de Notícias”.

Considerações finais

O quadro “Caixão de Notícias” começou a ser veiculado no programa Visagem, da Rádio Cultura FM do Pará, de forma bastante simplificada: o apresentador do programa chamava o quadro e na sequência fazia a leitura de uma nota curiosa, sempre relacionada à Ciência. À medida que o programa se firmou na emissora e passou a chamar a atenção de jornalistas da casa, o “Caixão de Notícias” cresceu em tamanho e importância, pois com a contribuição voluntária desses jornalistas houve mais produção e reportagens para o quadro.

Já estruturado, o “Caixão de Notícias” passa a ser apresentado como narrativa jornalística e isso, a nosso ver, traz duas funções importantes: a primeira é entender que a linguagem radiofônica não jaz na fala e na música. Por mais que isso seja óbvio, é raro escutarmos nas produções do meio, programas que utilizem a linguagem do rádio de forma mais contundente; programas que mostrem que existe uma ampla gama de recursos sonoros disponíveis: do som que ambienta o local do acontecimento até mesmo a utilização de efeitos que ajudem a recompor o que é contado.

A outra função do quadro e talvez a mais importante é a possibilidade de revificar¹² a memória do imaginário local ao veicular as histórias presentes nesse imaginário, principalmente quando essa memória é contada por quem viveu o acontecimento. O jornalismo costuma chamar de personagens algumas fontes da notícia. Personagem no jornalismo é aquela pessoa que descreve seu caso particular para ilustrar uma reportagem, seja em forma de perfil ou não.

VILAS BOAS (2003, p.13) afirma que “os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa”. Não se trata, portanto, de trabalhar à exaustão a vida de um biografado. O perfil é comumente utilizado nas redações de jornais e é uma boa maneira de dar destaque aos personagens escolhidos. No caso do rádio, ao se ouvirem e ouvirem seus

¹² Palavra utilizada por Jerusa Pires Ferreira no lugar de resgatar: “prefiro ‘revificar’, significando fazer reviver, porque nada existe como era”. Entrevista à revista eletrônica Trópico – disponível em <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2423,1.shl>

pares, os ouvintes não apenas ganham em auto-estima como também passam a compreender seu mundo de outra forma, talvez dando mais valor a sua cultura.

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatia. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor (VILAS BOAS, 2003, p.14).

Ora, se o perfil gera empatia e o rádio é, por excelência, um veículo que cria vínculos sonoros¹³, nada melhor do que utilizar desse recurso nos programas radiofônicos. Assim, o ouvinte passa a ter maior sensação de pertencimento ao ouvir histórias arraigadas no seu cotidiano.

As histórias que o jornalista conta, dia após dia, por meio dos testes, provações, intuições e revelações iluminadoras dos protagonistas da narrativa, podem ajudar o receptor midiático a refletir sobre sua existência. Podem ajudá-lo a transformar essa existência com a agilidade e criatividade necessárias, de forma a viver de maneira mais humana e plena em um cenário planetário que sofre alterações de proporções e velocidade jamais vistas na história da humanidade (KÜNSCH E MARTINEZ, 2007, p. 40)

No caso do Visagem, as histórias contadas no quadro “Caixão de Notícias” têm um alcance que vai além da capital paraense. A Rádio Cultura além de transmitir para 122 dos 143 municípios do interior do Estado, também é veiculada por 30 emissoras afiliadas e um sem número de rádios poste¹⁴. Significa divulgar a cultura regional a ouvintes que, muitas vezes, só têm acesso ao rádio como meio de comunicação. Daí advém uma relação de maior proximidade com o meio, principalmente porque passam a se escutar no programa, a ouvir seu próprio acento local.

Por conta de todas essas informações, acreditamos que o “Caixão de Notícias” é de suma importância para o programa Visagem por trazer maior riqueza sonora na reportagem radiofônica e por criar uma relação mais afetiva com o ouvinte, ao contar as histórias do mundo amazônico. É necessário apenas cuidar para que o quadro se mantenha com mais captação de relatos e esmero na produção como um todo, sob pena de deixar silenciosa na única emissora pública do Pará uma cultura tão rica, como a amazônica.

¹³ Cf. José Eugenio de Oliveira Menezes – Rádio e Cidade, vínculos sonoros.

¹⁴ Material informativo das emissoras Cultura, com dados de 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, Sérgio. No tempo de Almirante, uma história do Rádio e da MPB. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

DEL BIANCO, Nélia e ESCH, Carlos Eduardo. Quem destrói o mundo é o cenário acústico do rádio. In MEDITSCH, Eduardo (org.) Rádio e Pânico, a Guerra dos Mundos, 60 anos depois. Florianópolis: Insular, 1998.

KÜNSCH, Dimas e MARTINEZ, Mônica. Histórias de vida produzidas por jornalistas escritores: uma experiência. *Communicare*, São Paulo, v. 7, 2007.

LOVECRAFT, Howard P. O horror sobrenatural em literatura. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. Rádio e Cidade, vínculos sonoros. São Paulo: Annablume, 2007.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. O mito no rádio, a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.

ORTRIWANO, Gisela. Ok, marcianos: vocês venceram! In MEDITSCH, Eduardo (org.) Rádio e Pânico, a Guerra dos Mundos, 60 anos depois. Florianópolis: Insular, 1998.

PRADO, Emílio. Estrutura da Informação Radiofônica. São Paulo: Summus, 1989.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. Radiojornalismo e suas múltiplas fontes sonoras. Trabalho apresentado no NP Rádio e Mídias Sonoras do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006.

VILAS BOAS, Sergio. Perfis e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

Na rede:

MILLARCH, Aramis. Causos assustadores que Almirante contava. Disponível em <http://www.millarch.org/artigo/causos-assustadores-que-almirante-contava>

ADRIANO, Carlos. A longevidade dos códigos. Revista eletrônica Trópico. Disponível em <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2423,1.shl>